



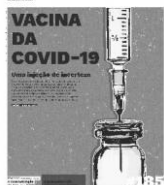
ATUALIDADE
A pandemia não matou o populismo P8 e 9

Área: 1417cm² / 57%

FOTO Titagem: 20.000

Cores: 4 Cores

ID: 6923459



ATUALIDADE

POLÍTICA

A pandemia (ainda) não conseguiu matar o populismo

ÂNIA ATAÍDE

aataide@jornaleconomico.pt

Depois da escalada do populismo na política mundial, que líderes se seguem para enfrentar a maior incerteza da história recente?

Especialistas consultados pelo Jornal Económico não antecipam o fim desta tendência, tradicionalmente potenciada pelas crises económicas. A exceção pode chegar para os populistas que, já estando no poder,

recebam o cartão vermelho da “culpa”.

O

aqueles que derivam de crises, de que foi exemplo o aumento do desemprego ou a austeridade associada à crise das dívidas soberanas. O argumento, citado pelos economistas Sergei Guriev, da Sciences Po, e Elias Papaioannou, da London Business School, no *paper* “The Political Economy of Populism”, publicado esta semana, não permite ainda respostas fechadas, mas dá algumas pistas sobre o impacto que a recessão económica que atinge o mundo, em consequência da pandemia, poderá ter na onda populista que atingiu a política mundial nos últimos anos. Porém, pela primeira vez na história recente, entra também na equação o fator “pandemia”, cuja capacidade de gestão e controlo dos governos terá peso na hora da escolha dos eleitores.

Da direita à esquerda, políticos populistas – alguns com tendências autoritárias – ascendiam em várias regiões do globo e sentavam-se à mesa para o xadrez da governança mundial, numa onda que ganhou força com a ressaca da crise de 2008. Irá a pandemia de Covid-19 matar o populismo porque os eleitores querem o regresso a políticos *mainstream* para gerir as crises, ou pelo contrário, agudizar a tendência? Segundo os especialistas consultados pelo Jornal Económico, a probabilidade é que a pandemia não dite o fim do populismo, podendo até levar ao seu exacerbação.

A questão foi levantada por Martin Wolf, numa análise recente no “Financial Times”, considerando que uma das maiores reflexões levantadas pela experiência da pandemia será de que forma é que irá afetar a política e, particularmente, se irá “transformar a posição do tipo de populismo nacionalista de direita, que tem sido tão bem sucedida nos anos mais recentes”.

Para o cientista político André Azevedo Alves, a pandemia não ditará o fim do populismo e, dependendo do contexto, até se poderá assistir a um agudizar desta tendência. “Não creio que a Covid vá acabar com as tendências de ascensão do populismo, mas os efeitos vão depender muito das especificidades de cada contexto político. Em países onde os governos sejam perçeciona-



Área: 1417cm² / 57%

FOTO Tiragem: 20.000

Cores: 4 Cores

ID: 6923459



dos como menos competentes ou onde a crise económica e social assuma contornos mais graves, é possível até que se assista a um reforço das tendências populistas”, frisa o professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica.

Esta possibilidade tem, segundo o artigo de Sergei Guriev e Elias Papaioannou, reflexos diferentes para os partidos consoante a ideologia. “As crises financeiras são seguidas por um aumento significativo nos votos dos partidos de extrema-direita. Em contraste, os partidos de esquerda radical não parecem beneficiar”, assinalam, destacando que os partidos de extrema-direita também ganham com as recessões ‘normais’. “Além disso, as crises são seguidas de um aumento da fragmentação política, à medida que o número de partidos representados no parlamento aumenta consideravelmente. Ao mesmo tempo, também crescem greves, motins violentos e manifestações antigovernamentais”, sublinham.

Para Susana Salgado, especialista em comunicação política e investigadora no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, a pandemia “representou no início uma boa oportunidade para expor as incoerências e fragilidades dos discursos populistas”. No entanto, revelou-se “uma oportunidade perdida em muitos casos”.

“Se nos Estados Unidos Trump começa a enfrentar as consequências de algumas das suas posições e ações, ainda que não seja certo que não conseguirá recuperar antes das eleições de novembro, no Brasil, e apesar de tudo, Bolsonaro vê a sua popularidade crescer, e em Portugal uma sondagem recente coloca André Ventura em segundo lugar nas eleições presidenciais”, exemplifica. “Se num primeiro momento seria expectável que as pessoas preferissem os políticos *mainstream* pela maior previsibilidade, o problema é que estes enfrentam uma grande crise de confiança que vem de trás – que explica em parte o sucesso dos populistas – e as características não só da pandemia em si, como das crises que lhe estão associadas (desemprego, pobreza, etc.) também não ajudam”, acrescenta.

Recorda, neste sentido, que em vários momentos da História e em vários países as crises tendem a favorecer o aparecimento e o sucesso de todos os tipos de populismo, “quando os políticos *mainstream* se mostram incapazes de responder de forma adequada”.

Num artigo no VoxEU, portal do Centre for Economic Policy Research, o politólogo italiano Massimo Morelli sustenta que a insegurança económica – numa altura em que as projeções económicas apontam para a recessão mais severa da história da zona euro – pode atingir um pico devido à pandemia. “Em princípio, um efeito potencial de uma grande crise como a Covid-19 poderia ser mais desilusão, mais nacionalismo e protecionismo e maior polarização cultural – todos os quais produzem terreno fértil para o populismo”, enumera, considerando, no entanto, que estes fatores de mobilização podem ter o efeito contrário: “A desilusão e o ressentimento são usados estrategicamente pelos populistas, especialmente quando estão em oposição. Se a crise se agudizar durante os seus mandatos, o efeito poderá ser uma reversão”. Para esse *cocktail* teria que se adicionar a “culpa”, frequentemente associada a crises, aos governantes no cargo, o que atualmente abrangeria alguns partidos populistas e a perceção por parte dos líderes e eleitores europeus da uma necessidade de cooperação supranacional, que não coexiste pacificamente com os ideais de isolacionismo e protecionismo.

“A capacidade de resposta dos governos à crise é obviamente importante, mas não anula o peso das ideologias. Aliás, importa recordar que a própria análise da realidade e a avaliação da conduta dos governos depende, em parte, das grelhas ideológicas prevaletentes, pelo que não é sequer possível estabelecer uma separação absoluta entre uma coisa e outra. As ideologias influenciam também a própria perceção da realidade”, sublinha, no entanto, André Azevedo Alves, questionado se os eleitores estarão mais centrados na capacidade de resposta dos governos à crise independentemente da ideologia ou se se verificam diferenças.

Susana Salgado realça ainda que “a pandemia tem sido muitas vezes usada como pretexto para justificar menos transparência e menos escrutínio, o que é extremamente negativo, porque se o objetivo era contrariar e neutralizar os discursos populistas devia ser precisamente o contrário”.

“Na verdade, cada vez que a atuação do governo não é bem explicada, ou levanta algum tipo de dúvidas, e a comunicação parece ser insensível ou distante dos problemas das pessoas, é uma oportunidade para o populismo”, defende.

A especialista do ICS explica ainda que a



pandemia afeta também de forma diferente as tendências de comunicação dos partidos políticos, numa tendência transversal a todo o espectro e não apenas aos partidos populistas. “Se numa primeira fase da pandemia em Portugal houve uma espécie de acordo geral que se traduziu num tom menos combativo de comunicação política e que foi algumas vezes interpretado como consenso em torno do Governo, essa fase terminou para os políticos mais à direita”, diz, acrescentando que “do lado da comunicação dos políticos de esquerda é possível perceber que, ainda que um novo acordo para a “gerigonça” não tenha sido delineado, na prática e em termos de comunicação política ele vigora, com os partidos à esquerda a continuarem com um tom muito moderado e pouco crítico em relação ao Governo”. ●

O QUE É O POPULISMO?

“Podemos definir como populistas as fórmulas políticas cuja fonte principal de inspiração e termo constante de referência é o povo, considerado como agregado social homogêneo e como exclusivo depositário de valores positivos,

específicos e permanentes”. A definição de Norberto Bobbio, cientista político, é das mais utilizadas no meio académico, que continua em debate sobre um conceito cuja definição e abrangência não é uniforme. Nos últimos anos, ganhou destaque a definição proposta pelo politólogo Cas Mudde, especialista em movimentos populistas europeus. O holandês define populismo “como uma ideologia que considera a sociedade como em última instância separada em dois grupos homogêneos e antagónicos: a ‘população pura’ versus ‘a elite corrupta’, e que argumenta que a política deve ser uma expressão da ‘volonté générale’ [vontade geral] dos cidadãos”.